

# **CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL PRAGMÁTICO DE CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR E ESCOLAR**

**JOANA ALMEIDA**

Terapeuta da Fala - Prática privada; Licenciada em Terapêutica da Fala pela Escola Superior de Saúde, Universidade Fernando Pessoa / tf\_joana@iol.pt

**JOANA ROCHA**

Terapeuta da Fala - Prática privada; Mestre Assistente, Escola Superior de Saúde, Universidade Fernando Pessoa; Mestre em Ciências da Fala e da Audição, Universidade de Aveiro; Doutoranda em Psicologia, Universidade de Aveiro / jrocha@ufp.edu.pt

## **RESUMO**

O uso pragmático da linguagem envolve o conhecimento sociolinguístico que representa as regras culturalmente determinadas que regulam como a linguagem deve ser usada em certos contextos sociais. O “The Pragmatics Profile of Everyday Communication Skills in Children” (PP) é um instrumento útil para a caracterização das competências pragmáticas na população infantil. Para a realização deste estudo procedemos à análise das várias etapas que envolvem a tradução e adaptação do instrumento, numa abordagem qualitativa, sendo constituído por uma revisão bibliográfica e adaptação do teste para a população portuguesa nas idades pré – escolar e escolar. Após este processo, foi realizado um estudo envolvendo 20 crianças (em idade pré – escolar e escolar), nas quais se procurou determinar o perfil pragmático em cada uma destas faixas etárias. De salientar que a análise efectuada foi realizada através da aplicação das entrevistas do PP aos pais e ao Educador/ Professor. Os resultados mostram um progressivo desenvolvimento das funções comunicativas e dos pedidos indirectos nos anos escolares, assim como o aumento da competência para manter e terminar turnos comunicativos nos anos escolares e a capacidade para realizar reparações comunicativas.

**PALAVRAS-CHAVE:** tradução e adaptação de instrumentos, linguagem, pragmática, idade pré-escolar e escolar.

## **ABSTRACT**

The pragmatic use of the language represents the cultural rules that determine the language use in social contexts. “The Pragmatics Profile of Everyday Communicative Skills in Children” (PP) is an instrument that can describe pragmatic competence in children. We proceed to the analysis of the several stages that involved the adaptation of this instrument, in a qualitative approach, and its application in preschool and school children. 20

children were assessed to determine the pragmatic profile in each group. This analysis involved the application of the interviews of PP to parents and teacher. The results show the progressive development of the communicative functions, indirect requests, competence to maintain and to finish communicative interactions and to do repairs in communication in the school years.

KEYWORDS: translation and adaptation of the instruments, language, pragmatic, pre-school and school age.

## 1. INTRODUÇÃO

A linguagem é uma capacidade exclusivamente humana que serve para a representação, expressão e comunicação de pensamentos e ideias mediante um sistema de símbolos (Ruiz et al., 1993). Elabora-se progressivamente tendo em conta alguns aspectos dos quais depende o grau de maturação e de funcionamento fisiológico do organismo, o contexto sócio – cultural da criança e o tipo de frequência das estimulações verbais que a mesma reúne a partir de um conjunto de relações interpessoais (Lima, 2000).

À medida que a competência linguística de cada ser aumenta (capacidade para produzir enunciados correctos do ponto de vista formal), aumenta a capacidade de conduzir turnos, manter uma conversa, atrair a atenção e fazer pedidos, desenvolvendo-se assim, a competência pragmática (Rondal et al., 2007).

Este trabalho tem como objectivo caracterizar o perfil pragmático de crianças em idade pré – escolar e escolar. Os objectivos definidos para este estudo são: adaptar o instrumento para uma determinada população portuguesa; elaborar um ensaio de adequação; avaliar a executabilidade numa amostra da população – alvo; descrever as características comunicativas numa amostra da população – alvo; comparar o perfil pragmático de crianças com idade pré – escolar e escolar em dois contextos diferentes (casa – infantário e/ou escola); comparar o perfil pragmático de crianças com idade pré – escolar e escolar com parceiros comunicativos distintos.

O PP consiste numa abordagem descritiva e qualitativa e não representa uma medição, neste sentido é necessário abordar a fiabilidade e a validade de modo diferente dos típicos métodos quantitativos (Dey, 1993; Robson, 1993 *cit. in* Dewart & Summers, 1995).

## 2. COMPONENTE PRAGMÁTICA DA LINGUAGEM

Abordar a questão pragmática da linguagem é encaminhar-nos para o funcionamento da linguagem em contextos situacionais e comunicativos, isto é, referimo-nos ao conjunto de regras que explicam ou regulam o uso intencional da linguagem, par-

tindo do princípio que se trata de um sistema social partilhado e que possui normas para a correcta utilização em contextos concretos (Acosta et al., 2003).

Apesar de não existir uma definição única e geralmente aceite da pragmática e de tudo o que a envolve, visto que é uma área bastante ampla e variada, a definição de Bates (1974 *cit. in* Dewart & Summers, 1995) resume-se a três aspectos principais do desenvolvimento da pragmática, sendo o primeiro aspecto o desenvolvimento das funções comunicativas, isto é, a forma como as crianças são capazes de expressar uma variedade de intenções. O segundo aspecto refere-se à resposta da criança para a comunicação, isto é, a forma como a criança responde e percebe a comunicação e o terceiro aspecto diz respeito à forma como a criança coopera na interacção e conversação (Dewart & Summers, 1995).

As crianças para além de adquirirem as regras complexas da gramática, isto é, a competência linguística, necessitam também de aprender regras complexas do uso social adequado da língua, isto é, o conhecimento de como a linguagem é usada para comunicar. Este uso pragmático da linguagem envolve o conhecimento sociolinguístico que representam as regras culturalmente determinadas que regulam como a linguagem deve ser usada em certos contextos sociais o que inclui, saudações, formas de tratamento e vários estilos adaptados a cada situação (Fromkin & Rodman, 1993; Shaffer, 2005).

Tendo em conta uma perspectiva funcional sobre a linguagem, vários estudos foram realizados sobre a aquisição e desenvolvimento de funções comunicativas, que se referem aos objectivos e metas que o emissor pretende atingir ao comunicar com o ouvinte. Neste sentido, a proposta de Haliday (1975 *cit. in* Lima, 2000; Zorzi & Hage, 2004; Hage et al., 2007) é uma das mais conhecidas. A sua investigação contribuiu para compreender a estruturação da linguagem na criança no período pré – linguístico entre os 9 e os 18 meses, assim propôs seis tipos de funções da linguagem:

- Função instrumental: que se observa quando a criança utiliza a linguagem para satisfazer a suas necessidades materiais. O foco da criança é o objecto.
- Função regulatória/reguladora: a linguagem é usada para controlar o comportamento do outro, a linguagem dirige-se a alguém especificamente.
- Função interacional/interactiva: a linguagem é utilizada para interagir com as pessoas que convivem com a criança.
- Função pessoal: esta função linguística é usada para transmitir sentimentos pessoais relativos às pessoas ou ao ambiente, representados através de vocalizações associadas a gestos que representam prazer, contrariedade.
- Função heurística: a linguagem é utilizada para explorar o ambiente no sentido de procurar o nome de objectos e acções. Nesta fase a criança apresenta expressões muito próximas ao padrão articulatorio do adulto.
- Função imaginativa: é através desta função que a criança cria o seu próprio mundo. Numa fase inicial pode ser apenas um mundo de sons no entanto, gradualmente este mundo próprio constitui-se de relatos de histórias e fantasias.

Bates et al., (1976 *cit. in* Zorzi & Hage, 2004) classificaram as funções comunicativas em dois tipos: protodeclarativos e protoimperativos. Os protodeclarativos referem-se às atitudes da criança em dirigir a atenção do adulto para algum objecto ou acontecimento ou para chamar a atenção do adulto para si. Os protoimperativos são comportamentos que têm o objectivo de fazer com que o adulto realize alguma acção.

À medida que o desenvolvimento cognitivo e linguístico da criança progride esta adquire uma riqueza de conhecimentos e habilidades nos usos sócio – comunicativos da linguagem (Dickson, 1981; Feagans et al., 1984; Shatz, 1983; WarrenLeubecker & Bohannon, 1989 *cit. in* Flavell et al., 1999). Alguns especialistas estudaram o desenvolvimento de diferentes comportamentos a nível pragmático, como o diálogo e o discurso. Um dos aspectos importantes do diálogo refere-se aos turnos de intervenção. Estes implicam que se conheça o momento de nos expressarmos verbal e não – verbalmente, de escutar e olhar. Por volta dos 18 meses e dos 2 anos as crianças são capazes de manter turnos de intervenção na conversação. No entanto, a existência de diálogo implica não só a troca de turnos mas também a manutenção do tema, que reflecte a habilidade para conversar sobre o mesmo assunto um certo período de tempo (Flavell et al., 1999; Puyuelo, 2007).

A unidade mínima da comunicação linguística é o acto de fala, isto é, a produção de uma frase sob certas condições (ou de um grupo de frases em um determinado contexto) (Dreux & Fernandes, 1998). Uma interacção comunicativa eficiente impõe dos falantes cumprimento às regras de troca de turnos, compromisso com o tema abordado e habilidade de adaptação aos participantes e situações (Bishop & Mogford, 2002; Zorzi & Hage, 2004 *cit. in* Hage et al., 2007). Estudos realizados sobre a organização formal da conversação registaram que as crianças com três anos apresentam capacidade para conversar e para se adaptarem às necessidades do ouvinte (Zorzi & Hage, 2004 *cit. in* Hage et al., 2007).

Numa interacção verbal é necessária a existência de uma base de cooperação mínima entre os interlocutores, a qual deve conter os princípios que regulam a transmissão verbal de informação (Mateus et al., 2003). Grice (1975 *cit. in* Mey, 1993) sugere que numa conversação, a cooperação entre os falantes é identificada através do respeito de quatro máximas, como um modo eficiente de usar a linguagem, resultando, a infracção destas máximas em situações de mentira, sarcasmo, ironia por parte do locutor (Mateus et al., 2003) As máximas de Grice (1975 *cit. in* Mey, 1993; Mateus et al., 2003) são as seguintes:

- Máxima de Quantidade: Torna a tua contribuição tão informativa quanto requerida;
- Máxima de Qualidade: Tenta que a tua contribuição seja verdadeira.
- Máxima de Relação: Sê relevante.
- Máxima de Modo: Sê claro.

Apesar da interacção verbal ser determinante, devemos também considerar a importância que os sinais não – verbais desempenham no esclarecimento do significado das mensagens verbais, representando um meio importante de comunicação. Designadamente, os aspectos extralinguísticos e prosódicos particularmente, a expressão facial

(movimentos de cabeça, dos olhos, etc.) a postura e gestos, assim como a entoação, ritmo e pausas do discurso (Sim - Sim, 1996; Shaffer, 2005).

O Acto de Fala é uma das noções essenciais da pragmática Linguística. Um acto de fala inclui três tipos de actos (Austin, 1962; Bach e Harnish, 1979; Levinson, 1983; Searle, 1969 *cit. in* Abbeduto & Benson, 1996). Segundo Austin, um acto de fala envolve a produção de um acto locutório, de um acto ilocutório e de um acto perlocutório. Um acto locutório corresponde à produção de um enunciado, a partir da atribuição de referência e codificação de significado, permitindo ao ouvinte compreender o enunciado. O acto ilocutório consiste no uso de uma frase linguísticas para realizar uma acção circunstancialmente funcional (prometer, ameaçar). O acto perlocutório traduz-se nas consequências ou no efeito que os actos ilocutórios têm nas acções dos alocutários (Austin, 1962 *cit. in* Rocha 2007; Xavier & Mateus, 1987).

A teoria do acto de fala tem sido relacionada ao desenvolvimento da linguagem. Um acto de fala é composto por três elementos: a intenção (ilocutório), a função (perlocutório) e a proposição (locução). Bates e seus colaboradores baseando-se na teoria dos actos de fala de Austin, identificaram três fases no desenvolvimento da comunicação. A criança desde o nascimento inicia a fase perlocutória nesta fase, o comportamento da criança influencia os cuidadores embora, a criança não tenha intenção comunicativa (Wetherby et al., 1998; Bishop & Mogford, 2002). A criança desenvolve desde cedo interações comunicativas através do meio social em que está inserida. As interações sociais que envolvem experiências emocionais partilhadas levam à consciencialização por parte da criança do efeito que o seu comportamento pode causar nos outros. Por volta dos 9 meses de idade a criança normalmente transita para o período ilocutionário e começa a usar gestos e sons para comunicar (Wetherby et al., 1998).

É importante estabelecer uma distinção entre intenção comunicativa e função comunicativa. A intenção comunicativa dirige-se à meta do interlocutor, e a função comunicativa refere-se ao efeito no ouvinte. A comunicação envolve uma interacção cooperativa entre as intenções do interlocutor que são interpretadas pelo ouvinte (Wetherby et al., 1998).

As crianças aos 2 anos mantêm um tema de conversa com alguns turnos, iniciam um novo tema, mudam e expressam conceitos imaginativos sobre sentimentos pessoais (Puyuelo, 2007). Por volta dos 3 – 4 anos as suas funções comunicativas evoluíram e a criança é capaz de pedir, protestar, nomear e fazer perguntas sobre referentes ausentes, a função predominante nesta fase é a informativa (Zorzi & Hage, 2004). Por volta dos 2 – 5 anos as funções comunicativas incluem pedidos de informação, através da produção de uma variedade de perguntas, respondem a perguntas e a pedidos, descrevem eventos, expressam factos, sentimentos e atitudes (Tiegerman – Farber, 2002). Entre os 4 e os 7 anos a criança aprende a expressar as suas intenções numa variedade de formas para servir as necessidades comunicativas do ouvinte assim, surgem os pedidos indirectos (Dewart & Summers, 1995).

As mudanças cognitivas e sociais influenciam a forma como a criança usa a linguagem. Na fase pré – escolar a criança usa a linguagem para se dirigir ao outro, para dar

informação e para relatar experiências presentes e passadas. Numa fase posterior, as funções comunicativas vão-se refinando e a linguagem é usada para argumentar, pensar e resolver problemas (Tiegerman – Farber, 2002).

As conversas das crianças pré – escolares normalmente são curtas, e o número de tomadas de vez são limitados. Entre os 2 e os 3 anos, são eficazes a introduzir um tópico conversacional no entanto, demonstram dificuldade em sustentá-lo para além de dois turnos. Aos três anos a comunicação é realizada essencialmente por razões sociais. As habilidades linguísticas da criança aumentam, particularmente o vocabulário e as habilidades gramaticais, assim como a capacidade para manter o tópico de conversação. Entre os 3 e os 4 anos, adquirem consciência dos aspectos sociais na conversação começando, a adaptar a linguagem às necessidades do ouvinte (Puyuelo, 2007; Tiegerman – Farber, 2002). A habilidade para responder adequadamente a um pedido de clarificação desenvolve-se apenas nos anos escolares. Os tópicos de conversa normalmente centram-se numa actividade actual ou em objectos e acontecimentos do ambiente imediato, tornando-se cada vez mais aptos para falar de tópicos para além do aqui e do agora (Buckley, 2003).

As expressões deícticas têm como função “*apontar*”, referem-se ao contexto ou à situação onde são usadas, por isso estão dependentes desse mesmo contexto para a interpretação das referências pessoais, espaciais e temporais que comportam (Mateus et al., 2003). Uma característica significativa do desenvolvimento da linguagem na criança é a evolução do uso de deícticos, estes são provocados por uma relação entre o falante e o ouvinte (De Villiers & De Villiers, 1974; Wales, 1986 *cit. in* Catania, 1999). Estudos realizados mostram que aos 3 anos as crianças são capazes de interpretar termos deícticos relativos com posições espaciais (aqui e ali; este e aquele). Aos 4 anos para além de interpretá-los conseguem utilizá-los correctamente (De Villiers & De Villiers, 1979 *cit. in* Sim - Sim 1996).

Autores como Luria e Yudovich (1987 *cit. in* Zorzi & Hage, 2004) referem a importância da linguagem se desvincular do contexto imediato, uma vez que adquire novas funções, como narrar e planificar. Assim, a linguagem ao se libertar da acção, adquire uma função representativa, o que permite à criança contar eventos passados e antecipar acontecimentos ainda não ocorridos.

A narrativa exige que as crianças actuem no aqui, no agora e no passado, nos mundos futuros e imaginários. As crianças necessitam integrar a informação para propósitos específicos e manter a coerência durante um certo tempo. A narrativa é um evento na sua forma mais elementar, é uma operação cognitiva, social e linguística (Leinonen et al., 2000).

As crianças com 2 – 3 anos narram acontecimentos através de perguntas feitas pelos outros sobre o lugar (onde), os acontecimentos (o que) e as pessoas (quem), fase que se designa de protonarrativa. Entre os 3 – 4 anos a criança relata experiências imediatas, que ocorrem no momento em que a questão é feita. Na narrativa de histórias há dificuldades em manter a coerência e a coesão, assim é frequente ocorrer omissão de elementos secundários, a introdução de factos não verdadeiros, o que normalmente

se verifica na fase da narrativa primitiva. Aos 4 – 5 anos a criança é capaz de narrar uma história conhecida sem ajuda do outro. Com 6 – 7 anos as capacidades narrativas encontram-se mais desenvolvidas o que permite à criança narrar com pormenor histórias conhecidas, relatar factos pessoais e inventar histórias com coerência entre os factos (Zorzi & Hage, 2004).

A nível pragmático por volta dos 7 anos, muitas crianças começam a expressar os seus desejos através de pedidos indirectos, explicam histórias com características de problema e planeiam alguma solução. Aos 8 anos encontram-se cada vez mais aptos para participarem em conversas e manter conversações sobre temas reais, uma vez que entendem e consideram as intenções do outro. No entanto, os provérbios são interpretados literalmente. Por volta dos 9 anos, são apreendidas e entendidas alguns aspectos metafóricos da linguagem. Contudo a compreensão da linguagem figurada das metáforas é melhor entendida por volta dos 11 anos, nesta altura a criança é capaz de falar sobre temas abstractos (Puyuelo, 2007).

A maioria dos adolescentes compreendem e usam a linguagem de uma forma mais abstracta, compreendem significados abstractos e provérbios. A evolução da compreensão e o uso da linguagem continua a progredir espontaneamente, surgindo assim, o sarcasmo, o duplo sentido e o humor. Assim, o domínio da linguagem abstracta aproxima-se ao do adulto (Puyuelo, 2007).

O crescimento quantitativo e qualitativo demonstrado na habilidade de contar um acontecimento deve ser observado como o resultado do crescimento cognitivo, social e linguístico da criança. A capacidade de se colocar na lugar do ouvinte, de adequar o discurso à audiência, o facto de saber escolher a melhor forma de expressar linguisticamente uma situação são essenciais no êxito da narração, assim como no êxito do domínio pragmático (Sim - Sim, 1996; Shaffer, 2005).

### 3. METODOLOGIA

Este trabalho tem como objectivo caracterizar o perfil pragmático de crianças nas faixas etária pré-escolar e escolar neste sentido, procedeu-se à adaptação e tradução do instrumento “The Pragmatics Profile of Everyday Communication Skills in Children” (Dewart & Summers, 1995).

#### 3.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

O PP foi aplicado a dois grupos (grupo I e grupo II), cada um constituído por 10 crianças. Assim, o grupo I compreende crianças dos 0 aos 5 anos constituindo a faixa etária pré – escolar. O grupo II engloba crianças na faixa etária dos 6 aos 10 anos de idade compreendendo a idade escolar.

Os dados foram recolhidos na zona de Leça da Palmeira. A entrevista pré – escolar foi aplicada no infantário “A minha escola” e a entrevista escolar aplicou-se na escola EB1/ JI Amorosa de Leça da Palmeira. A caracterização da amostra pode ser observada no quadro 1.

QUADRO 1: Grupo Pré-Escolar

VARIÁVEIS	GRUPO PRÉ- ESCOLAR
Idade	—
0 - 1 Anos	0
1 - 2 Anos	0
2 - 3 Anos	2
3 - 4 Anos	7
4 - 5 Anos	1
Género	—
Masculino	5
Feminino	5
Total	10

QUADRO 2: Grupo Escolar

VARIÁVEIS	GRUPO PRÉ- ESCOLAR
Idade	—
0 - 1 Anos	0
1 - 2 Anos	0
2 - 3 Anos	2
3 - 4 Anos	7
4 - 5 Anos	1
Género	—
Masculino	5
Feminino	5
Total	10

### 3.1.1. PROCEDIMENTOS

O PP é constituído por duas entrevistas estruturadas, uma para crianças em idade pré-escolar que abrange crianças dos 0 aos 5 anos e outra, para crianças dos 6 aos 10 anos, em idade escolar e dirige-se a pais e Educadores/Professores. Cada entrevista consiste numa série de questões informais, sendo que em cada pergunta é fornecido um conjunto de possíveis respostas, apresentados sob a forma de exemplos, que devem ser utilizados apenas para incitar resposta no caso de surgirem dificuldades por parte dos entrevistados.

A entrevista pré – escolar é constituída por 33 perguntas distribuídas por quatro secções e a entrevista escolar é composta por 29 perguntas distribuídas também por 4 secções.

As quatro secções são: a secção A, funções comunicativas, a secção B, resposta à comunicação, a secção C, interacção e conversação e a secção D, variação contextual.

A secção A, funções comunicativas, inclui uma selecção de funções comunicativas que a criança pode expressar, tais como um pedido; uma rejeição; dar informação; e expressar uma emoção. Na idade pré – escolar esta secção é constituída por 8 perguntas enquanto que na entrevista escolar a nessa secção é composta por 7 perguntas.

Na secção B, resposta à comunicação, as perguntas estão relacionadas com as reacções e respostas da criança à comunicação dos outros. Esta secção na entrevista pré – escolar e escolar são constituídas, cada uma por 8 questões.

Na secção C, interacção e conversação, refere-se ao modo como a criança interage com os outros e participa na conversação. A entrevista pré – escolar apresenta 9 perguntas e a escolar possui 6 perguntas.

A secção D, variação contextual, está relacionada com o modo como as variáveis situacionais podem influenciar a comunicação. As entrevistas, pré – escolar e escolar são ambas constituídas por 8 perguntas.

As duas entrevistas do PP apresentam uma folha de registo com os dados da criança (apelido, nome, género, data de nascimento, escola, morada de casa) da pessoa entrevistada (apelido, primeiro nome, relação com a criança, morada) o nome do entrevistador e a data na qual se realizou a entrevista. Cada uma das entrevistas apresenta também uma folha na qual são apresentadas, o tipo de respostas para cada secção (A, B, C, D). Neste sentido as tabelas, quadros e os gráficos realizados para este estudo tiveram em conta esta folha de registo para agrupar as respostas obtidas de cada secção.

Assim, para as perguntas da secção A, Funções Comunicativas pretendem explorar as funções comunicativas usadas por crianças em idade pré – escolar/ escolar consoante a entrevista que estamos a aplicar, e pretende ainda conhecer as formas das crianças em cada faixa etária para expressar essas mesmas intenções comunicativas. Assim, as funções comunicativas expressas são: função instrumental (foco de atenção é o objecto), reguladora (linguagem dirige-se a alguém), interactiva (linguagem é usada para interagir com as pessoas), pessoal (linguagem é usada para transmitir sentimentos) e imaginativa (linguagem usada para fazer relatos de histórias).

No que se refere às formas das crianças expressarem as suas intenções as respostas consideradas são: pré – verbal (estabelecer contacto visual, sorrir, choro), gestos (p.e. apontar), vocalizações, palavras (p.e. mãe) sintagmas (substantivo) e frases (p.e. Onde está o urso?).

Na secção B, Resposta à Comunicação, as perguntas deste grupo pretendem analisar o tipo de input ao qual a criança reage e a forma de resposta da criança à comunicação. Neste sentido, as respostas consideradas para o tipo de input ao qual a criança reage são: toque, gestos, sinais (olhar fixamente, choros, vocalizações sem intenção comunicativa), palavras em contexto (reconhece palavras quando se inserem num contexto que lhe é familiar), perguntas, pedidos directos, pedidos indirectos (“Estou com sede” para pedir água), idioma, piadas e trocadilhos. Relativamente à resposta da criança para a comunicação, as respostas consideradas são: sem reacção, movimentos corporais e faciais, gestos (aponta, estabelece contacto visual), jargon (responde numa linguagem própria), comentários verbais e perguntas.

Relativamente à secção C, Interacção e Conversação, pretende-se inferir a contribuição da criança na iniciação e manutenção da conversa assim como, o seu estilo

na interacção. Relativamente à contribuição na iniciação e manutenção da conversa verifica-se se a criança inicia e mantém um tópico conversacional. No estilo de interacção as respostas apresentadas são: participa, tem liderança, isola-se, responde com interesse, prefere um só colega, toma atenção às necessidades do outro.

As perguntas da sessão D, Variação Contextual, pretendem conhecer os parceiros comunicativos preferidos da criança, o tempo, isto é, a altura do dia em que a criança é mais comunicativa, a situação, tipo de contexto no qual a criança prefere interagir e os tópicos, isto é, aos temas sobre os quais esta prefere falar.

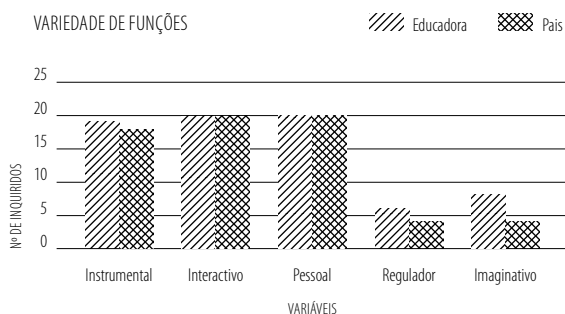
## 4. RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO PP O GRUPO PRÉ-ESCOLAR E ESCOLAR

De seguida proceder-se-á à apresentação dos resultados obtidos das entrevistas efectuadas aos pais e à Educadora e Professora. Esta análise refere-se à faixa etária pré – escolar e escolar. Para cada um dos itens analisados optou-se por apresentar um quadro com a totalidade das respostas obtidas e posteriormente um gráfico para facilitar a interpretação das mesmas. De referir que todas as ocorrências verificadas neste estudo correspondem a frequências absolutas (Frequência absoluta – “número de vezes de um valor ou classe que um valor ou classe em particular ocorre” (Waarts et al., 1996, p.133).

QUADRO 3: Frequências Absolutas relativas à Variedade de Funções Comunicativas

FUNÇÕES COMUNICATIVAS					
VARIÉDADE DE FUNÇÕES	INSTRUMENTAL	INTERACTIVO	PESSOAL	REGULADOR	IMAGINATIVO
Educadora	19	20	20	6	8
Pais	18	20	20	4	4

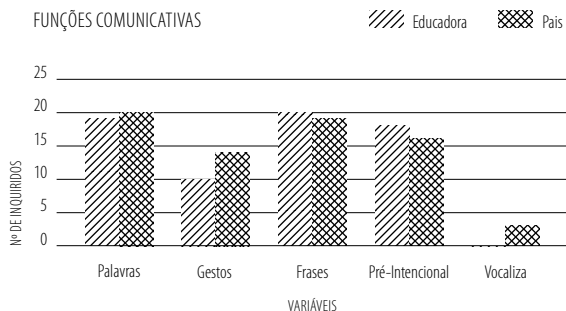
GRÁFICO 1: Funções Comunicativas relativas ao grupo pré-escolar e escolar



QUADRO 4: Frequências Absolutas relativas às Formas de Expressão das Intenções Comunicativas

FUNÇÕES COMUNICATIVAS					
FORMAS DE EXPRESSÃO DAS INTENÇÕES	PALAVRAS	GESTOS	FRASES	PRÉ-INTENCIONAL	VOCALIZA
Educadora	19	10	20	18	1
Pais	20	14	19	16	3

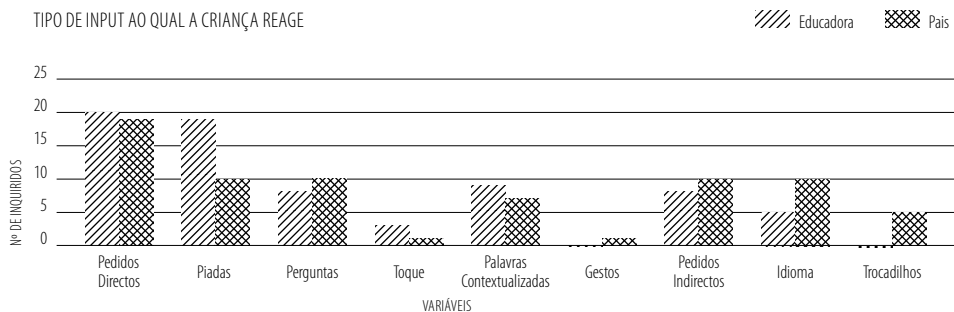
GRÁFICO 2: Formas de Expressão das Intenções Comunicativas no grupo pré-escolar e escolar



QUADRO 5: Frequências Absolutas relativas ao Tipo de Input ao qual a criança reage no Grupo Pré – Escolar e Escolar

RESPOSTA À COMUNICAÇÃO									
TIPO DE INPUT AO QUAL A CRIANÇA REAGE	PEDIDOS DIRECTOS	PIADAS	PERGUNTAS	TOQUE	PALAVRAS CONTEXTUALIZADAS	GESTOS	PEDIDOS INDIRECTOS	IDIOMA	TROCADI-LHOS
Educadora	20	19	8	3	9	0	8	5	0
Pais	19	10	10	1	7	1	10	10	5

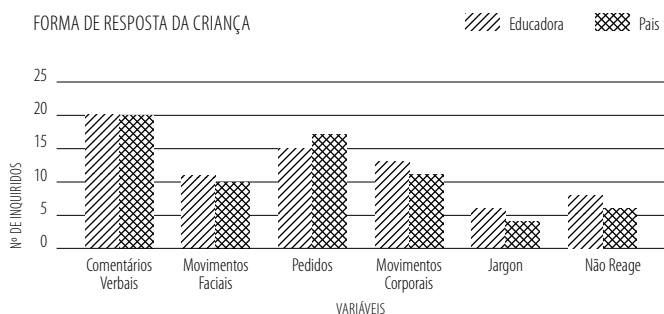
GRÁFICO 3: Relativo ao Tipo de Input ao qual a criança reage no Grupo Pré-Escolar e Escolar



QUADRO 6: Frequências Absolutas relativas à Forma de Resposta da Criança no grupo Pré – Escolar e Escola

RESPOSTA À COMUNICAÇÃO						
FORMA DE RESPOSTA DA CRIANÇA	COMENTÁRIOS VERBAIS	MOVIMENTOS FACIAIS	PEDIDOS	MOVIMENTOS CORPORAIS	JARGON	NÃO REAGE
Educadora	20	11	15	13	6	8
Pais	20	10	17	11	4	6

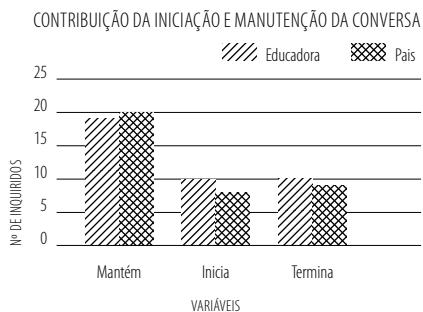
GRÁFICO 4: Forma de Resposta da Criança no Grupo Pré-Escolar e Escolar



QUADRO 7: Frequências Absolutas relativas à Contribuição da Iniciação e Manutenção da Conversa no Grupo Pré-Escolar e Escolar

INTERACÇÃO E CONVERSAÇÃO			
CONTRIBUIÇÃO DA INICIAÇÃO E MANUETENÇÃO DA CONVERSA	MANTÉM	INICIA	TERMINA
Educadora	19	10	10
Pais	20	8	9

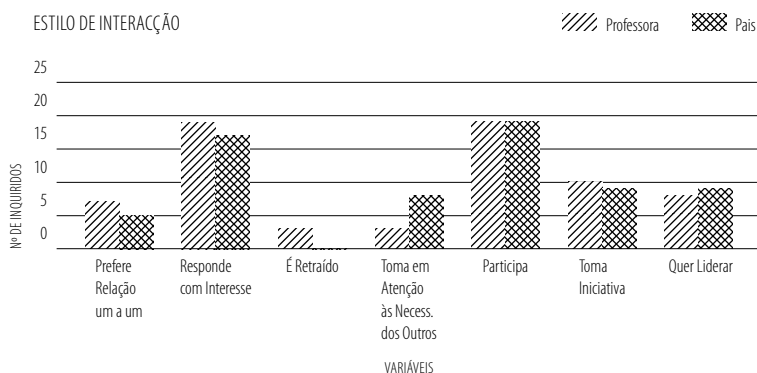
GRÁFICO 5: Contribuição da Iniciação e Manutenção da Conversa no Grupo Pré-Escolar e Escolar



QUADRO 8: Frequências Absolutas relativas ao Estilo de Interação no Grupo Pré-Escolar e Escolar

INTERACÇÃO E CONVERSAÇÃO							
ESTILO DE INTERACÇÃO	PREFERE RELAÇÃO UM A UM	RESPONDE COM INTERESSE	É RETRAÍDO	TOMA EM ATENÇÃO AS NECESSIDADES DOS OUTROS	PARTICIPA	TOMA INICIATIVA	QUER LIDERAR
Professora	7	19	3	3	19	10	8
Pais	5	17	0	8	19	9	9

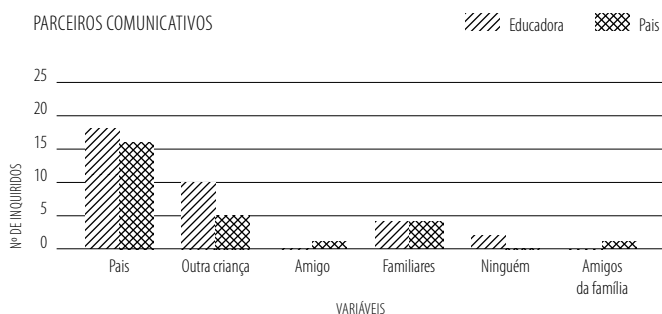
GRÁFICO 6: Estilo de Interação no Grupo Pré-Escolar e Escolar



QUADRO 9: Frequências Absolutas relativas aos Parceiros Comunicativos no grupo Pré-Escolar e Escolar

VARIAÇÃO CONTEXTUAL						
PARCEIROS COMUNICATIVOS	PAIS	OUTRA CRIANÇA	AMIGO	FAMILIARES	NINGUÉM	AMIGOS DA FAMÍLIA
Educadora	18	10	0	4	2	0
Pais	16	5	1	4	0	1

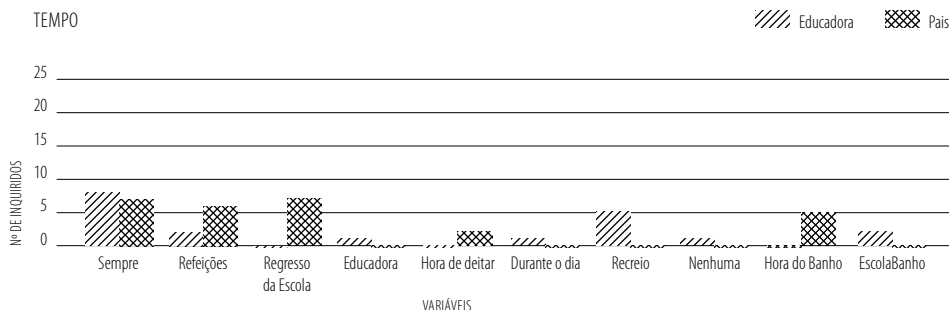
GRÁFICO 7: Parceiros Comunicativos no Grupo Pré-Escolar e Escolar



QUADRO 10: Frequências Absolutas relativas ao Tempo no Grupo Pré-Escolar e Escolar

TEMPO	SEMPRE	REFEIÇÕES	REGRESSO DA ESCOLA	EDUCADORA	HORA DE DEITAR	DURANTE O DIA	RECREIO	NENHUMA	HORA DO BANHO	ESCOLA
Educadora	8	2	0	1	0	1	5	1	0	2
Pais	7	6	7	0	2	0	0	0	1	0

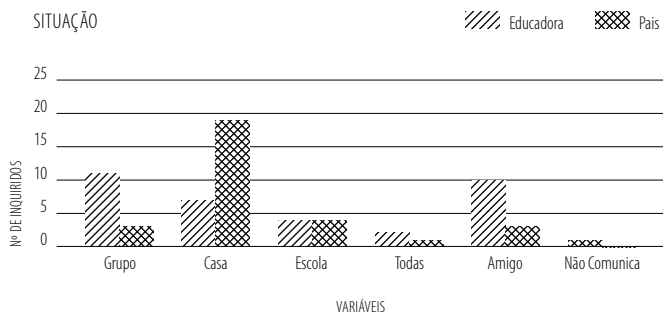
GRÁFICO 8: Tempo no Grupo Pré-Escolar e Escolar



QUADRO 11: Frequências Absolutas relativas à Situação no Grupo Pré-Escolar e Escolar

SITUAÇÃO	GRUPO	CASA	ESCOLA	TODAS	AMIGO	NÃO COMUNICA
Educadora	11	7	4	2	10	1
Pais	3	19	4	1	3	0

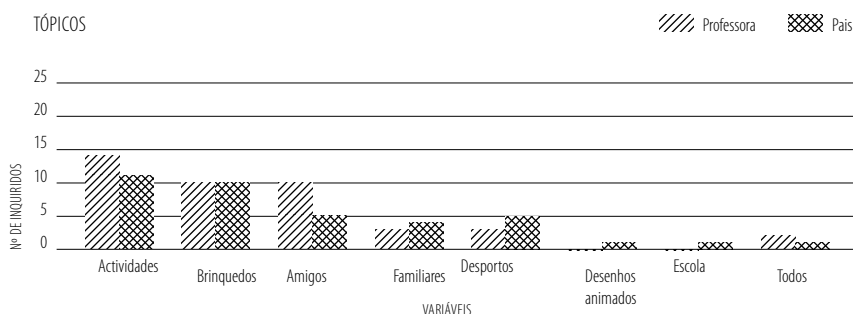
GRÁFICO 9: Situação no Grupo Pré-Escolar e Escolar



QUADRO 12: Frequências Absolutas relativas aos Tópicos no Grupo Pré-Escolar e Escolar

TÓPICOS	ATIVIDADES	BRINQUEDOS	AMIGOS	FAMILIARES	DESPORTOS	DESENHOS ANIMADOS	ESCOLA	TODOS
Professora	14	10	10	3	3	0	0	2
Pais	11	10	5	4	5	1	1	1

GRÁFICO 10: Tópicos no Grupo Pré-Escolar e Escolar



## 5. DISCUSSÃO

A pesquisa efectuada na literatura permitiu um conhecimento mais aprofundado sobre o desenvolvimento da linguagem, especialmente da componente pragmática. Verificamos que nas crianças em idade pré – escolar e escolar as Funções Comunicativas apresentadas são as funções instrumental, interactiva e pessoal. Nestas faixas etárias verifica-se que as crianças utilizam formas para se exprimir e interagir com o meio envolvente. Assim, os meios a partir dos quais expressam as suas intenções são: as palavras, as frases e os gestos e a comunicação pré-verbal, sobretudo na faixa etária escolar. De acordo com a literatura a crianças por volta dos 3 anos comunicam essencialmente por razões sociais (função interactiva) (Zorzi & Hage, 2004). Entre os 6 e os 7 anos utilizam de forma sofisticada todas as funções comunicativas e passam a ser competentes para argumentar e persuadir (Zorzi & Hage, 2004).

No que diz respeito ao tipo de Resposta à Comunicação, verifica-se que as crianças nas faixas etárias pré-escolares e escolares reagem especialmente a pedidos directos, perguntas e a palavras contextualizadas, surgindo os pedidos indirectos apenas nos anos escolares. Por outro lado, a resposta à comunicação é realizada através da elaboração de comentários verbais, da execução de movimentos faciais e corporais e nos anos escolares verifica-se também a elaboração de pedidos. Tiegerman-Farber (2002) afirma que por volta dos 2 – 5 anos as funções comunicativas incluem pedidos de informação através da expressão de uma variedade de perguntas. Sobre este assunto, Dewart & Summers (1995) e Puyelo (2007) consideram que as crianças em idade escolar começam a expressar os seus desejos através de pedidos indirectos.

No que se refere à Interação e Conversação, pode-se concluir que as crianças na faixa etária pré – escolar e escolar, iniciam e mantêm uma interacção comunicativa, verificando-se que nos anos escolares estão aptas para terminar uma interacção. Nestas faixas etárias as características da interacção identificadas são: a participação, a tomada de iniciativa e a resposta com interesse. Comparando estes resultados com a lite-

ratura consultada, verificamos que crianças aos 2 anos mantêm um tema de conversa com alguns turnos, iniciam um novo tema, mudam e expressam conceitos imaginativos sobre sentimentos pessoais (Puyuelo, 2007). Aos 8 anos as crianças encontram-se cada vez mais aptas para participarem em conversas e manter conversações sobre temas reais (Buckley, 2003).

Relativamente à Variação Contextual, verifica-se que as crianças em idade pré – escolar preferem interagir com os pais e na faixa etária escolar para além dos pais, interagem com os familiares. Sabemos que desde cedo a mãe e o bebé estabelecem um intercâmbio entre si (Rigolet, 2000). Neste sentido, podemos afirmar que os pais são as primeiras pessoas com quem a criança procura interagir e com as quais esta aprende a primeira regra conversacional de tomar a vez (Puyuelo, 2007).

A análise realizada baseou-se nas respostas obtidas pelos pais e pela Educadora/Professora, o que representa a visão pessoal de cada um (Pais/Educadora/Professora) sobre a performance comunicativa da criança, uma vez que cada um dos entrevistados interage e partilha com a criança contextos diferentes, o que pode justificar algumas divergências, designadamente sobre a diversidade de respostas obtidas na sessão D – Variação Contextual. As diferenças entre os pontos de vista dos entrevistados podem fornecer importantes informações sobre o comportamento da criança nos diversos contextos e a capacidade de demonstrar essas divergências é um dos pontos fortes do PP (Dewart & Summers, 1995). No entanto, e de uma forma geral verifica-se que existe convergência, ainda que esta seja parcial entre os resultados obtidos.

## 6. CONCLUSÃO

A análise qualitativa e a revisão bibliográfica efectuadas contribuíram para a compreensão dos conceitos e permitiram obter uma perspectiva das crianças como comunicadores nas interações do dia-a-dia. Neste sentido, confirmamos o que a literatura refere relativamente à componente pragmática da linguagem. Assim, das principais diferenças encontradas entre as crianças pré – escolares e escolares salienta-se o aumento das funções comunicativas nos anos escolares, a existência de pedidos directos nos anos pré – escolares e o progressivo desenvolvimento que os pedidos indirectos assumem nos anos escolares. O aumento da competência para manter e terminar turnos comunicativos nos anos escolares e a capacidade para reparar uma interacção comunicativa.

O estudo realizado representa um contributo para explorar a comunicação infantil de forma a fornecer ao terapeuta da fala dados sobre a comunicação da criança fora do contexto clínico e dentro do seu contexto quotidiano.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbeduto, L. & Benson, G. (1996). O Desenvolvimento dos Atos de Fala em Crianças Normais e Indivíduos com Retardo Mental. In: Chapman, R. S. (Ed.). *Processos e Distúrbios na Aquisição da Linguagem*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Acosta, M. V., Moreno, A., Ramon, V., Quintana, A. & Espino, O. (2003). A Avaliação da Linguagem Teoria e Prática do Processo de Avaliação do Comportamento Linguístico Infantil. São Paulo, Livraria Editora.
- Buckley, B. (2003). *Children's Communication Skills From birth to five years*. London and New York, Routledge.
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: Comportamento Linguagem e Cognição*. 4ªed. Porto Alegre, Artmed, pp. 302-305.
- Dewart, H. & Summers, S. (1995). *The Pragmatics Profile of Early Communication Skills*. Revised Edition. Windsor: NFER-NELSON.
- Dreux, F & Fernandes, M. (1998). Os Atrasos de Aquisição de Linguagem In: Goldfeld, M. "Fundamentos Em Fonoaudiologia Linguagem". Rio de Janeiro, Guanabara Koogan pp. 22 – 36.
- Flavell, J. H., Miller, P. H., Miller, S. A. (1999). *Desenvolvimento Cognitivo*. 3ªEd. Porto Alegre, Artes Médicas, pp. 9-23, 225-258, 280-285.
- Fromkin, V. & Rodman, R. (1993). Da Boca dos Bebés: Aquisição da Língua pela Criança. In: Fromkin, V. e Rodman, R. "Introdução à Linguagem". Coimbra, Livraria Almedina, pp. 351 – 358.
- Hage, S. R. V., Resegue, M. M., Viveiros, D. C. S., Pacheco, E. F. (2007) Análise do perfil das habilidades pragmáticas em crianças pequenas normais. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri (SP), 19 (1), pp. 49 – 58.
- Leinonen, E., Letts, C., Smith, B. R. (2000). *Children's Pragmatic Communication Difficulties*. London, Whurr Publishers.
- Lima, R. (2000). *A Linguagem Infantil – Da Normalidade à Patologia*. Braga, Edições APPACDM, Distrital de Braga.
- Mateus, M. H. M.; Brito, A. M.; Duarte, I. & Faria, I. H. et al., (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. 7ª Ed. Lisboa, Caminho.
- Mey, J. L. (1993). *Pragmatics An Introduction*. U.S.A., Blackwell, pp. 65 – 221.
- Mogford, K. & Bishop, D. (2002). Desenvolvimento da Linguagem em Condições Normais. Bishop & Mogford. "Desenvolvimento da Linguagem em Circunstâncias Excepcionais". Rio de Janeiro, Revinter, pp. 1 - 20.
- Puyuelo, M. (2007). Comunicação e Linguagem. Desenvolvimento Normal E Alterações No Decorrer Do Ciclo Vital. "Manual de Desenvolvimento E Alterações Da Linguagem Na Criança E No Adulto". Porto Alegre, Artmed, pp. 87 – 99.
- Rigolet, S. A. (2000). "Os Três P Precoce Progressivo Positivo Comunicação e Linguagem para uma Plena Expressão". Porto, Porto Editora, pp.19-89.

- Rocha, J. (2007). *Análise de componente pragmática da linguagem de Pessoas com Esquizofrenia*. Tese de Mestrado apresentada à VA para obtenção do Grau de Mestre em Ciências de Fala Audição. Aveiro.
- Rondal, J. A.; Esperet, E. et al., (2007). Desenvolvimento da Linguagem Oral. Puyuelo, M. & Rondal, J. "Manual de Desenvolvimento E Alterações Da Linguagem Na Criança E No Adulto". Porto Alegre, Artmed, pp. 18-52.
- Ruiz, J. R. G. & Ortega, J. L. G. (1993). As Perturbações da Linguagem Verbal. In Bautista, R. (Ed.). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa, Dinalivro, pp. 83-108.
- Shaffer, D. R. (2005). *Psicologia do Desenvolvimento*. 6ªed. São Paulo, Thomson, pp. 339 – 370.
- Sim – Sim, I. (1996). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa, Universidade Aberta.
- Tiegerman – Farber, E. & Bernstein, D. K. (2002). *Language And Communication Disorders in Children*. 5ªed. Bóston, Allyn and Bacon, pp.59 – 76.
- Xavier, M. F. & Mateus, H. M. (1987). *Dicionário de Termos Linguísticos Volume 1*. Lisboa, Edições Cosmos.
- Waarts, E.; Koster, J.; Lamperjee, N.; Peelen, E. (1996). *Enciclopédia Internacional De Marketing*. Porto, Porto Editora.
- Wetherby, A. M.; Warren, S. F. et al. (1998). Introduction to Transitions in Prelinguistic Communication. In: Wetherby, A. M. e Warren, S. F. (Ed.). "Transitions in Prelinguistic Communication". v (7) Baltimore, Brookes, pp. 1-32.
- Zorzi, J L. & Hage, S. R. de V. (2004). PROC – Protocolo de Observação Comportamental Avaliação de linguagem e aspectos cognitivos infantis. São Paulo, Pulso.